

Uberaba e a civilização no Brasil Central: sentidos do conceito de civilização

JEAN FELIPE PIMENTA BORGES

SANDRA MARA DANTAS¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo tecer algumas considerações acerca da visão de civilização que permeia a obra do memorialista Hildebrando de Araújo Pontes, especificamente em seu livro intitulado “História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central”. Parte então, de uma análise deste trabalho em relação com autores que trabalham o conceito. Dessa forma, entendemos que a noção de civilização partilhada por Hildebrando Pontes estava alinhada com sua época, relacionada então a uma noção de progresso e desenvolvimento e referente a um modelo muito específico de civilização: a europeia.

Palavras-chave: Civilização, Progresso, Uberaba, História, Cidade.

1. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem por objetivo realizar algumas considerações acerca do conceito de civilização presente no trabalho do memorialista Hildebrando de Araújo Pontes, importante referência para o estudo sobre a história da cidade de Uberaba (MG) e região do Triângulo Mineiro.

Hildebrando Pontes, como o chamaremos ao longo do texto, foi um prolífico pesquisador e autor de inúmeras obras. Para tanto, nesse primeiro momento foi necessário orientar nossa análise a um único trabalho, o livro “História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central”.

Esse livro foi escolhido visto que ele reúne em seu corpo uma série de pesquisas realizadas ao longo da vida do autor e por ser uma importante referência no estudo da história da cidade de Uberaba. Ele apresenta um apanhado de informações sobre a cidade e reúne textos de cunho geográfico e histórico.

Para o objetivo aqui proposto, foram privilegiados os itens que tratam de história, especificamente o capítulo que discorre sobre o processo de ocupação da região atualmente conhecida como Triângulo Mineiro, onde a cidade de Uberaba se localiza e teve seus sucessos.

2. CIVILIZAÇÃO

As palavras são produtos sociais e como tais, possuem sentidos que são partilhados e compreendidos apenas em uma determinada sociedade e em determinado tempo. Não são estáticas, acompanhando as demandas dos grupos que as utilizam e criam, sendo elaboradas e reelaboradas ao

1. Graduando em História UFTM / Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

longo do tempo, podendo até mesmo desaparecer e retornar ao uso corrente, à medida que mobilizadas pelas necessidades de comunicação.

Ao longo do tempo, o termo “civilização” passou por algumas transformações até se alinhar ao sentido atribuído a ele atualmente. Segundo Starobinski (2001), ele surgiu pela primeira vez em dicionários franceses por volta do século XVI, quando apresentava duas acepções: “levar à civilidade, tornar civis e brandos os costumes” ou “tornar civil uma causa criminal”. O sentido proveniente da jurisprudência sobreviveu até o século XVIII quando a concepção “moderna” começou a aparecer nos dicionários.

Ele ainda aponta que entre os anos de 1771 e 1798 o termo se desenvolveu, já sendo compreendido como a “ação de civilizar ou estado do que é civilizado”, chegando ao século XIX (1801) como termo de uso comum, não mais um neologismo. (STAROBINSKI, 2001, p. 12-13)

Continua atribuindo ao conceito uma pluralidade de sentidos e usos que podem abarcar o “abrandamento dos costumes”, ou ainda a “educação dos espíritos” ou o “desenvolvimento da polidez”, a “cultura das artes e das ciências” ou mesmo o “crescimento do comércio e da indústria” e a “aquisição das comodidades materiais” (STAROBINSKI, 2001, p. 14), representando ao mesmo tempo o processo de adequação das diferentes sociedades e o resultado desse processo. E prossegue, apontando que:

“Por toda parte onde a condição exterior do homem se amplia, se vivifica, se aperfeiçoa, por toda a parte onde a natureza íntima do homem se mostra com brilho, com grandeza; por esses dois sinais, e muitas vezes a despeito da profunda imperfeição do estado social, o gênero humano aplaude e proclama a civilização.” (STAROBINSKI, 2001, p. 15)

Em “História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central” esse otimismo pelas realizações da civilização é latente, se apresentando por meio da exaltação feita pelo autor sobre o trabalho “hercúleo” que teria sido realizado pelos primeiros desbravadores do vasto sertão do interior do Brasil.

Continuando em sua análise, Starobinski aponta ainda que civilização e progresso são duas concepções intimamente relacionadas, uma vez que a noção de civilização “importa determinar com precisão as etapas sucessivas do processo civilizador” pensando assim, “os estágios do progresso das sociedades”.

Compreensão esta que tem uma grande influência sobre a concepção de história advogada especialmente ao longo do século XIX e que pode ser inferida na obra de Hildebrando Pontes, quando analisamos a forma como constrói seu texto, seguindo a divisão tradicional da História do país: Colônia, Império e República.

Ao determinar etapas sucessivas e cada vez mais complexas de civilização, esta acepção destacada por Starobinski acaba por definir uma antítese, estabelecida à medida em que para que se entenda algo como civilizado é necessário que haja seu oposto, a barbárie. Para tanto, se faz necessário que haja um modelo, um padrão de caminho a ser trilhado pelas sociedades, sendo este aqui entendido como o modelo proveniente do amplo desenvolvimento experimentado pelos países europeus, especialmente a partir do século XIX.

Essa definição do conceito apresentada por Starobinski (2001) se aproxima em grande medida da construída por Norbert Elias embora os autores tenham trilhado caminhos diferentes para a construção do termo. Elias em seu livro “O Processo Civilizador” de 1994, já aponta para a polissemia do termo, que seria referente a diversos fatos:

“(…) ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos (…)” (ELIAS, 1994, p. 23)

Ele aponta ainda que esse conceito exprime a consciência que o Ocidente tem de si mesmo:

“Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’. Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão de mundo, e muito mais.” (p. 33)

Dessa forma, o conceito apresenta uma característica que vai justificar a ação colonizadora dos países europeus pelo mundo, num intuito de levar os sucessos de sua civilização para os lugares menos desenvolvidos ou atrasados, trazendo essas sociedades para partilharem com ela das benesses de seu desenvolvimento.

Consonante a essa característica, Elias mostra que o conceito possui também uma acepção universalista, ou seja, que busca diminuir as diferenças entre os povos ressaltando o que seria comum “a todos os seres humanos ou – na opinião dos que o possuem – deveria sê-lo” (STAROBINSKI, 2001, p. 25), acorde ao fato de que seu sentido se refere a um lugar e a uma experiência histórica específica, da civilização ocidental que é construída partindo da Europa.

3.O TRABALHO DE PONTES

Hildebrando de Araújo Pontes nasceu em 1879 no distrito de Jubáí, município de Conquista

em Minas Gerais. Passou a maior parte de sua vida na cidade de Uberaba, que o adotou e foi o principal objeto de suas inúmeras pesquisas.

Embora agrônomo de formação, sua produção intelectual se pautou pelas pesquisas de caráter histórico e, sua militância presente em seus trabalhos se alinha com a concepção de intelectual apontada por Sevckenko (2003) como indivíduo responsável por difundir uma noção de país e um projeto de sociedade, algo de suma importância no momento da história do país – transição da monarquia para a República – que corresponde ao período em que ele viveu.

O livro “História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central” como dito anteriormente representa de forma significativa essa carreira de pesquisas realizadas por Pontes, que consultou centenas de documentos e chegou até mesmo a sair do país em busca de materiais para sua pesquisas.

Esta obra apresenta diversos elementos sobre a cidade de Uberaba, se preocupando com aspectos geográficos e históricos. No entanto, os relatos de cunho histórico tomam a maior parte do livro, se constituindo em três momentos distintos e que coincidem com a divisão tradicional da história do país: um primeiro momento no qual remonta aos esforços dos colonizadores portugueses, um segundo que trata dos sucessos da cidade ao longo do período Imperial e por fim, os tempos republicanos – período de atuação do autor.

Como dito anteriormente, a organização feita sobre os fatos passados nos permitem compreender que o autor partilhava da concepção de história vigente e que esteve no auge no século XIX, pensando o desenvolvimento das sociedades dentro de uma concepção evolutiva, movida pelo progresso.

Então, o autor volta em seu texto ao momento que a colonização do Brasil teve início, pensando os primeiros esforços dos portugueses. Buscando compreender as origens da região sobre a qual falava e na qual nascera, Hildebrando Pontes busca compreender as motivações que levaram os portugueses a explorar o interior do país. Ele aponta que o interesse inicial do colonizador era a exploração do ouro que, para azar dos portugueses, não foi encontrado logo de cara.

No entanto, segundo Pontes, não era raro que os colonizadores em contato com os povos locais tivessem notícias de que no interior do país havia a presença desse minério, o que aguçou o desejo de adentrar o país. Para tanto, eram organizadas diversas expedições que após inúmeros fracassos encontraram por fim o ouro desejado na região do atual estado de Minas Gerais.

Porém o autor destaca que com o tempo e a exploração intensa, a exploração começa a declinar o que acaba por impelir a população novamente para dentro do país, chegando até às terras de Mato Grosso e Goiás. Nessas andanças, as expedições passam pelas terras onde hoje se situa a

cidade de Uberaba, então conhecidas como Sertão da Farinha Podre.

A partir daí começa então a saga da civilização no Brasil Central, que dá nome ao livro. Com a passagem pela região no caminho para Goiás, esses grupos acabavam por formar os primeiros povoados. Hildebrando Pontes atribui isso à necessidade de locais de repouso, mas, também, à necessidade de proteger os grupos de exploradores de ataques indígenas.

Após relatar a fundação do povoado do Desemboque, o autor chega enfim ao momento de fundação da cidade de Uberaba, à qual atribui ao Major Eustáquio. Ele, após se instalar na região, acabou atraindo outras famílias que se sentiam seguras sob sua proteção.

Assim, o povoado foi crescendo e já no século XIX entrou numa fase de amplo desenvolvimento, reconhecido pela sua rápida ascensão de arraial à cidade em pouco mais de cinquenta anos, fato raro na época.

Uma preocupação do autor foi também apontar as relações entre os povos indígenas, africanos com o colonizador como importante questão para se compreender o processo de construção da civilização no país. E com isso, se preocupa também com os costumes que acabam sendo partilhados pela população em sua época, compondo uma clara hierarquia que coloca os costumes vindos do elemento europeu em destaque ante os demais.

“Tal fusão de sangue operada em tão curto espaço de tempo – pouco mais que um século – não podia, como ainda não pode, formar caráter fixo de raça.

Daí a diversidade de costumes, que, a cada passo, nota o viajante, ao percorrer as fazendas do município, ou seja, mesmo, todo o Triângulo Mineiro. É que dentro desses limites permaneceram, ainda, os descendentes de antigos chefes de famílias, que muito pouco se ligam entre si, transmitindo aos filhos a mesma educação que receberam dos pais. E, a não ser assim, dificilmente se poderá explicar o motivo de, quando viajante percorre a zona do município, encontrar da parte do nosso parceiro, aqui, a amenidade no trato, ali, certa indiferença; acolá o receio de que aquela visita seja de más consequências.” (PONTES, 1978, p. 24)

Com esse trecho podemos pensar duas questões: a primeira, a questão do inacabamento do processo civilizador, uma vez que mesmo construindo uma narrativa de sucessos da civilização, o próprio autor aponta que esses sucessos não tocavam a todos; e, a segunda, que esse movimento de polimento dos hábitos demandaria tempo e, como o próprio autor ressalta, “Tais fatos se devem, na sua maior parte, ao analfabetismo cuja percentagem é vultosamente superior na área rural do município” (PONTES, 1978, p. 26), ou seja, demandaria educação dessa população ainda tão

“rústica” e “sistemática”.

O autor comumente se volta à geografia para justificar o desenvolvimento da região, destacando a abundância de águas, boas pastagens e terras férteis, especialmente quando trata das primeiras famílias que chegaram à região. No entanto, para ele a ascensão da cidade ao longo do século XIX se deveu basicamente ao comércio.

A vocação comercial da cidade se deveu, para ele, especialmente a localização privilegiada da cidade no encontro de dois caminhos que faziam a ligação entre o litoral e o interior do país: um que vinha do Rio de Janeiro, atravessando o atual estado mineiro; e outro (conhecido como do Anhanguera) ligando o antigo Sertão da Farinha Podre a São Paulo.

Porém o autor reconhece que esse desenvolvimento da cidade foi permeado por crises que , superadas alçaram a cidade a novos estágios de desenvolvimento:

“Entretanto, novas causas influíram, de modo eficaz, para que o nosso comércio se reerguesse do abatimento que caíra. Dentre elas, uma foi a guerra do Paraguai, pelo constante transitar de tropas e estacionamento destas, aqui, por longo tempo.

Imigrantes chegados influíram para uma nova fase de engrandecimento de Uberaba.

Coincidiu esse impulso com a entrada de muitas famílias ricas, que abandonando as lavras diamantinas de Bagagem, em consequência da baixa do diamante, aqui vieram se estabelecer, investindo os seus capitais em negócios.” (PONTES, 1978, p. 96)

E continua,

“Esse movimento animador multiplicou-se com a aproximação dos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, atingindo ao auge, depois que a mesma aqui inaugurou o seu tráfego de passageiros e mercadorias, a 23 de abril de 1889.” (PONTES, 1978, p. 96)

A chegada a Companhia Mogiana é de tal forma importante para o autor que ela serve como marco divisor para o estudo que faz da arquitetura da cidade no último item do texto. No entanto, ao pensar o desenvolvimento econômico da cidade, ele aponta que o desenvolvimento representado pelo trem não durou muito tempo.

Isso porque esse aquecimento se deveu ao fato de que quando chega a Uberaba, esta se torna o ponto final dos trilhos, o que fez com que a cidade se tornasse uma espécie de entreposto entre o comércio que chegava do litoral e os consumidores da região de Goiás e Mato Grosso. O problema surge quando apenas três anos após sua chegada na cidade, a expansão dos trilhos se completa até a cidade de Araguari que vai gozar desse posto, lançando os comerciantes a uma complexa situação.

Por fim, ele vai apontar que com o tempo os uberabenses se reorganizam economicamente

por meio da exploração pecuarista que nas primeiras décadas do século XX – não sem percalços, como a peste que se abate sobre os rebanhos na década de 1910 – começa a dar seus primeiros frutos, sendo aferidos pelo autor por meio das transformações que a cidade começa a viver com a injeção de novos recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hildebrando Pontes ao longo desse relato associa então o sucesso da civilização no Brasil Central com o desenvolvimento da cidade de Uberaba, que passa então a ser seu exemplo de como desde os primeiros anos da ação colonizadora em terras brasileiras, passou por uma série de estágios até o momento em que ele vivia, quando a cidade era então finalmente tocada pelos ventos de modernidade e progresso que sopravam desde a Europa.

O livro “História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central” é um meio pelo qual pudemos compreender de que forma a ideia de civilização formulada na Europa se difunde pelo mundo e norteia as ações e modos de viver das pessoas pelo mundo, na construção de uma civilização que mostrou ao longo de todo o século XX suas nefastas consequências.

5.REFERÊNCIAS:

ARÓSTEGUI, Júlio. *A pesquisa histórica*. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. 2. ed. Uberaba, MG: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STAROBINSKI, Jean. *As Máscaras da Civilização*. São Paulo; Companhia das Letras, 2001.